

ESCRITAS DE SI EM MÚLTIPLAS CARTOGRAFIAS: LITERATURA E EDUCAÇÃO:  
IMAGENS POÉTICAS EM NARRATIVAS | **ANA LUCIA SOUTTO MAYOR**

**Escritas de si em múltiplas cartografias:  
Literatura e educação: imagens poéticas em narrativas**

Self writings in multiple cartographies:  
Literature and education: poetic images in narratives

Autoescritura en múltiples cartografías:  
Literatura y educación: imágenes poéticas en narrativas

Ana Lucia Soutto Mayor [Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio]\*

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v24i41.59035>

**Resumo**

No presente texto desenvolvo reflexões relativas à importância ontológica das escritas de si para mim e meus alunos inspirada principalmente nos escritos poéticos de Clarice Lispector e dialogando teoricamente com autores como Deleuze, Guatarri, Baudelaire, Rolnik e Larrosa.

**Palavras-chave:** Escritas de si. Alteridade. Literatura. Poesia. Clarice Lispector.

**Abstract**

In the present text I develop reflections on the ontological importance of the writings of self for me and my students inspired mainly by the poetic writings of Clarice Lispector and dialoguing theoretically with authors such as Deleuze, Guatarri, Baudelaire, Rolnik and Larrosa.

**Keywords:** Self-writing. Alterity. Literature. Poetry. Clarice Lispector.

**Resumen**

En el presente texto desarrollo reflexiones sobre la importancia ontológica de los escritos del yo para mí y mis alumnos inspiradas principalmente en los escritos poéticos de Clarice Lispector y dialogando teóricamente con autores como Deleuze, Guatarri, Baudelaire, Rolnik y Larrosa.

**Palabras clave:** Autoescritura. Alteridad. Literatura. Poesía. Clarice Lispector.

\* Membro da Sociedade Brasileira de Cinema e Audiovisual (SOCINE) e da Sociedade Brasileira da História da Ciência (SBHC). Tem larga experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e cinema brasileiros, narrativa poética em sua interface com a filosofia e educação, dedicando-se também a pesquisas acerca das relações entre arte e ciência e sobre essas relações em processos formativos no Ensino Médio e em outros níveis de ensino. E-mail: [alsoutto.mayor@gmail.com](mailto:alsoutto.mayor@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9977343870352869>.

## Escritas de si em múltiplas cartografias: Literatura e educação: imagens poéticas em narrativas

Ana Lucia Soutto Mayor

*Com pedaços de mim eu monto um ser atônito*

**Manoel de Barros**

*Ir me seguindo é na verdade o que faço e  
agora mesmo: sigo-me sem saber ao que me  
levará. Às vezes, ir seguindo-me é tão difícil.  
Por estar seguindo o que ainda não passa de  
uma nebulosa.*

**Clarice Lispector**

*Tens com certeza um mester, um ofício, uma  
profissão, como agora se diz, Tenho, tive, terei  
se for preciso, mas quero encontrar a ilha  
desconhecida, quero saber quem sou eu  
quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís  
de ti, não chegas a saber quem és...*

**José Saramago**

### 1. O eu lírico e essa prosa fluida

Escrever-se pela palavra, nela inscrever-se. Confundir-se com o verbo, reinventando-se na linguagem, estado permanente de poiesis. Edificar autoria, em múltiplas e errantes alteridades. Afirmar-se em um contínuo desmanchar-se: tecer e destecer, Penélope de mim mesma. Entrecruzar vida e arte em tramas especulares: alagar-se no não vivido, mas experimentado.

Um dia um aluno me perguntou, desafiando-me, no raiar do dia: "Por que é que você gosta tanto de literatura

e de poesia?" Respondi, sem pestanejar: "A poesia e a literatura são minha possibilidade de expansão: sou por elas alargada, pelas muitas vidas que, com elas, passam a ser minhas". Eu não sabia, então: mas falara de alteridades e de autoria. Assinaturas redesenhadas de mim, em caleidoscópicas e contínuas cartografias, por múltiplas paisagens incorporadas. Eis que...

Alguns anos depois, a tese de Doutorado defendida, deparei-me com uma intrigante percepção: no último capítulo do trabalho, uma discussão do poético, nas dobras entre o narrador e o narrado, nas trilhas de *Estorvo*, do Chico Buarque, na literatura e do Ruy Guerra, no cinema. A instigante observação de que aquele fora, até então, o meu mais longínquo horizonte: o poético, nas tramas especulares entre o narrador e o narrado - diria hoje, entre o eu lírico e essa prosa fluida, na qual, qual Narciso, este se mira e se reconhece. Eu ainda não sabia, mas adivinhava: já começara a percorrer os domínios vastos das escritas de si, como território crítico e de criação. Da crítica poética e da criação ensaística e ficcional. Tudo eu apenas intuía.

Palavras como modo de espelho: escrever para reinventar-se. Esculpir-se como estátua movente em verbo e silêncio. Desvendar-se na escuta dessa escrita escorreita - nas palavras de Suely Rolnik, a escrita "é um dispositivo de efetuação do devir, é o devir que a move e é para o devir que ela nos move." (ROLNIK apud SILVEIRA; FERREIRA, 2013, p.257).

Trazer à superfície da palavra o silêncio intraduzível - uma vez pronunciada, essa palavra-devir exala-se em silêncio outro: uma escrita-sísifo, em arabescos jazzísticos, refaz-se em contínuos movimentos. Autoria em alteridades (poéticas) refletida: exercícios de escritura crítica? Interessa-me, neste ensaio de agora, pensar a autoria como mosaico de alteridades; dito de outro modo: como assinar-me crítica senão pelas águas fluidas das imagens poéticas do mundo, em que me encharco e me traduzo? Como não me reconhecer nessas escolhas, nos fragmentos da literatura, do cinema, da educação, meus territórios de ontem e de sempre, meu "pão nosso de cada dia", alimento com que me nutro e me desfaço? Falo, assim, de alteridades poéticas. Dos múltiplos objetos estéticos de que me constituo. Proponho essa travessia como um jeito de contar histórias e de pensar o fazer da crítica. Sou o que escolho para mirar e – admirada – deixo de ser quem sou. Confundo-me naquilo a que contemplo e, erguendo os olhos do espelho, é uma face outra que descubro.

Michel Collot, refletindo sobre os conceitos de alteridade, propõe um lugar específico para a alteridade poética, situando-a na fricção potente entre o Mesmo e o Outro, *locus* irreduzível e luminoso. Segundo Collot, a alteridade poética "reside antes em uma tensão irresoluta entre o Mesmo e o Outro, convidando-nos a superar sua exclusão recíproca, inscrita na lógica aristotélica, para pensar sua co-pertença conflituosa." (COLLOT, 2006, p. 29-30)

Escrever no espaço fronteiro entre Mim e o Outro, múltiplos dentro e fora de mim mesma. Experimentar as alteridades de toda a escrita poética: um caminho para renascer em vida, desdobrando-me nas imagens que persigo. Ser na linguagem, ser da linguagem: a devolução das imagens do mundo em um mundo outro, acrescido.

O poeta como aquele que estranha a palavra e por isso a reinventa. À insuficiência do real, a afirmação da palavra poética. Desse modo, explica-me Collot, uma vez mais:

Se as coisas fossem idênticas a si próprias, a poesia não teria razão de ser, pois tudo já teria sempre sido dito, consignado nos arquivos de uma língua sempre encerrada em seu tesouro de significações adquiridas. É o encontro do que escapa aos códigos estabelecidos, a confrontação com o Outro da linguagem, que leva o poeta a reinventar a língua, a fazer ouvir, com a mesma língua, uma outra palavra. (COLLOT, 2006, p.30).

O Outro - dentro e fora de mim - como minha dobra (im)possível. Reconhecê-lo em sua singularidade, afirmando-me em minha instável identidade de ser que - perigosamente - vive. Uma alteridade poética não inscrita em um plano superior, "na articulação de uma transcendência" (COLLOT, 2006, p.30), mas enraizada na carne da existência, no tangível das coisas do mundo.

Interrompo-me neste instante - uma interrupção feita de linhas pontilhadas. Resgato da memória da contadora de histórias que fui um dia – que talvez eu tenha sido desde sempre... – uma narrativa clariceana, contada a duas vozes, em uma sessão inteiramente dedicada aos escritos de Clarice. Essa narrativa – também uma dobra em si mesma – materializada enquanto crônica – "As águas do mar" – em "A descoberta do mundo" e também como fragmento do romance "Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres". A mulher, Lóri, o mar... e eu. Lóri, uma mulher, a mulher, as mulheres... e eu.

A mulher, Lóri e eu - o feminino que adentra o masculino - um Outro de si - para reconhecer-se nesse desconhecido de si. "Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro": um desvendar-se ao descobrir o Outro. Não a profanação de seus singulares mistérios - antes, a partilha emocionada do mistério como território comum. Como o cão negro que "hesita na praia",

ela também hesita: ambos, livres, "mistérios vivos que não se indagam". A liberdade de ousar o gesto inaugural e antigo: a coragem dos que se entregam ao desconhecido porque confiam. "A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. (...) Nessa hora ela se conhece menos ainda do que conhece o mar. Sua coragem é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir". A coragem como destino fatal: desvelar-se nesse encontro com o indiscernível, que, adentrado, torna-se seu - ela torna-se ele. Um feminino fecundado e acrescido: a diferença, o suplemento, o outro de si mesma, em si mesma.

A alteridade poética como uma travessia contínua e irrepitível. Para aquém dos limites do intangível, uma experiência encarnada no correr dos dias. Michel Collot, recuperando a compreensão baudelaireana desse mundo outro revelado "no próprio seio do mundo" (COLLOT, 2006, p. 31), afirma a alteridade poética no escopo da modernidade, a partir da compreensão de que aquela se afirma "em experiências cotidianas". (COLLOT, 2006, p.31). Uma mulher na praia, diante e dentro do mar, no raiar do dia. No cotidiano banal, o salto para fora-dentro de si mesma.

A leitura da literatura - poética - como meio para o encontro com essas alteridades inscritas nas personagens opera com uma dobra outra: leitor e texto em tensas fricções, possibilitando ao sujeito que lê um confronto com um "outro de si" que também é ele mesmo. Maggi e Morales (2015, p.282), aludindo ao pensamento de Paul Ricoeur, recuperam a perspectiva de identidade assumida pelo filósofo:

Ricoeur, em "O Si-mesmo como o Outro" (RICOEUR, 1990), explora as questões de identidade sob uma perspectiva que considera o si-mesmo, em que a palavra "mesmo" atua como uma ênfase, indicando que se trata exatamente do ser, porque "reforçar é ainda marcar uma identidade" (RICOEUR, 1990. p.13)

(...). De um lado a identidade -idem, a qual é imutável através do tempo, representa a mesmidade. De outro, há a identidade-ipse, aquela que trata da dialética do si e do diverso de si.

[...]

"A ipseidade do si-mesmo implica a alteridade em um grau tão íntimo que uma não se deixa pensar sem a outra, que uma passa bastante na outra, como diríamos na linguagem hegeliana (...)". (RICOEUR, 1990, p.14).

... o si-mesmo aproxima-se do Outro, o si-mesmo considerado como Outro, em relação dialética de diferença, de busca pela identidade pessoal e reflexiva, busca essa moldada pela outridade. Neste sentido, consideramos que a literatura pode servir de meio. Meio que conduz ao Outro e, na contrapartida, conduz-se ao si-mesmo. Este movimento é fundamental para o desenvolvimento do humano e consideramos ser o primeiro passo na busca pela compreensão de como o ser se coloca no mundo. (MAGGI; MORALES, 2015. p.282).

## **2. A leitura crítica como uma escrita errante através das narrativas poéticas e a cartografia como método e aposta**

Leitura como senha dupla: pela travessia do narrado, o (des)encontro de si mesmo na outridade de dentro, na outridade de fora, no dentro do texto. Ler como quem navega em busca da "ilha desconhecida", tal qual o personagem do conto de Saramago. "É estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as mais conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas...". (SARAMAGO, 1998). O texto como um mapa cifrado, fronteira de desconhecidos múltiplos. Ler como viagem, voo e afetamento: feita a passagem, jamais seremos os mesmos. Leitura como experiência de si, na travessia das palavras.

A leitura crítica como uma escrita errante através das narrativas poéticas: um perambular feito de mapeamentos, impressões e registros. Referências, símbolos, imagens saltam aos olhos desse leitor - desta

leitora: qual a bússola desse navegar? A cartografia como método e aposta. Território deslizante em busca de sentidos e intensidades, a cartografia incorpora movimentos, traçando-se em paisagens cambiantes. Esta escrita de mim e de meus muitos outros espelhados e revelados segue linhas pontilhadas e contínuas.

O traçado cartográfico opera com materiais de tessituras várias - "(...) o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas (...). Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia" (ROLNIK, 2006, p. 66); a cartografia ocupa-se não de representações a serem explicadas ou traduzidas; trata-se, antes, de "intensidades buscando expressão. E o que ele [o cartógrafo] quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem." (ROLNIK, 2006, p.66). Uma escritura crítico-poética cartográfica - o desejo como motriz e destino, à procura, nos espelhos multifacetados das narrativas poéticas, de meu rosto inacabado.

Cartografar paisagens poéticas: imergir na potência dos vãos. Deixar-se levar pela força dos fluxos, sobretudo daqueles que desorganizam, desorientam, reinam a existência.

### **3. Outra vez Clarice**

"E acontece o seguinte: quando estranho uma pintura, é aí que é pintura. E quando estranho a palavra aí é que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida, aí é que começa vida." (LISPECTOR, 1998, p.83). Minhas linhas de fuga -eu, à deriva de mim, na superfície da escrita- conduzem-me outra vez à Clarice.

Entre os anos de 1997 e 2002, exercia-me no fino ofício de contar histórias. Fazia parte de um grupo de cinco mulheres contadoras - Tagarelas -, imersas nas

narrativas do feminino, um dos leitos fecundos de nosso trabalho. Entre os anos de 2000 e 2001, escolhemos trabalhar a obra de Clarice para compor uma sessão. Há muito estávamos imersas no universo do feminino e chegara o momento de atravessar o universo clariceano para escrever nossa sessão. No reencontro com as narrativas da escritora, um conto arrebatou-me. "Amor" - esse é o seu nome. Um título feito senha e feito enigma para a travessia do texto. Ana, a protagonista: o nome também era pista, sinal, aviso - eu não sairia impune.

Ana, nos trilhos do bonde, desgoverna diante a visão do cego mascando chicletes. A vida rizomática de todos nós - existir como fluxo e deriva. Um feminino "expulso de seus próprios dias": o estranhamento de papéis em que não mais nos reconhecemos. Um mundo se rompe e "gemas amarelas e viscosas" escorrem por entre os dias. A vida que não se represa, que irrompe no correr fatal da existência. Ana e um outro de si à luz do dia: "uma vida cheia de náusea doce, até a boca", em contraponto implacável à suposta ordem das coisas. Existir sem garantias - aprendi com Clarice: viver em estado de alerta diante de si e do mundo. Viver em estado precário de abertura ao deslizamento das provisórias identidades.

O feminino reencontrado na textura das palavras de Clarice: um feminino narrado com o espanto e o silêncio do poético. A leitura da literatura poética como potência do transbordamento do sujeito em território duplo: itinerários para dentro e para fora de si. Mergulho outra vez nessas águas-clarice, mas também em mares de Rosa, para cartografar a alteridade em modos de empatia e compaixão.

Às vezes, quando vejo uma pessoa que nunca vi e tenho tempo para observá-la, eu me encarno nela e assim dou um grande passo para conhecê-la. E essa intrusão numa pessoa, qualquer que seja ela, nunca termina pela sua própria auto-acusação: ao

nela me encarnar, compreendo-lhe os motivos e perdôo. Preciso é prestar atenção para não me encarnar numa vida perigosa e atraente, e que por isso mesmo eu não queira o retorno a mim mesmo.

Um dia no avião... ah, meu Deus - implorei - isso não, não quero ser essa missionária!

(...) Em terra sou uma missionária ao vento do aeroporto, seguro minhas imaginárias saias longas e cinzas contra o despudor do vento. Entendo, entendo. Entendo-a, ah, como a entendo e ao seu pudor de existir quando está fora das horas em que cumpre sua missão. Acuso, como a missionariazinha, as saias curtas das mulheres, tentação para os homens. E, quando não entendo, é com o mesmo fanatismo despidorado dessa mulher pálida que facilmente cora à aproximação do rapaz que nos avisa que devemos prosseguir viagem.

Já sei que só daí a dias conseguirei recomeçar enfim integralmente a minha própria vida. Que, quem sabe, talvez nunca tenha sido própria, se não no momento de nascer, e o resto tenha sido encarnações. Mas não: eu sou uma pessoa. E quando o fantasma de mim mesma me toma – então é um tal encontro de alegria, uma tal festa, que a modo de dizer choramos uma no ombro da outra. Depois enxugamos as lágrimas felizes, meu fantasma se incorpora plenamente em mim, e saímos com alguma altivez por esse mundo afora. (LISPECTOR, 1998, pp.151-152).

Encarnar-se involuntariamente no Outro: aposar-se dele, intuí-lo e perdoá-lo. Experimentar pela palavra as fronteiras insondáveis do humano, em sua outridade. Torná-lo parte de mim, pela experiência radical da empatia: sentir-me no lugar no Outro, tendo consciência dos limites do gesto. O impossível do Outro como meu espaço possível de alargamento. Ser, por um momento, a personagem-narradora do conto clariceano e, com ela, também ser a missionária em pleno voo - retornar, contudo, ao "fantasma de si mesma", encarnado, enfim, na pessoa que sou. Deixar-se reverberar no "pudor de existir" e no "fanatismo despidorado" da missionária

**REVISTA POIÉSIS, v. 24, n. 41, jan./jun. 2023**

que "cora à aproximação do rapaz que nos avisa que devemos seguir viagem".

Pensar também a alteridade iluminada pelas reflexões de Levinas: o Outro e a minha - nossa - responsabilidade com ele. O irreduzível de sua condição como minha possibilidade de alargar-me. Nascer teria sido meu único gesto inaugural e "o resto tenha sido encarnações"? "Mas não: eu sou uma pessoa", tranquilizo-me com Clarice. Entretanto, o Outro a mim me toma com sua radical alteridade, interpelando-me, desafiador. "O *rosto do outro* apresenta-se como apelo irrecusável de responsabilidade a ele, que tem como medida a desmedida do infinito. (...) O *rosto* "fala" e, ao proferir sua palavra, invoca o interlocutor a sair de si e a entrar na relação do discurso." Ainda em suas palavras, "A linguagem tem a excelência de assegurar a relação entre o mesmo e o outro, que é transcendente em absoluto respeito à sua alteridade." (LEVINAS, s/d, p.173, grifo do autor).

#### **4. Eu e o Outro: esse encontro sempre misterioso**

Eu e o Outro: esse encontro sempre misterioso, feito de perplexidades, alumbramentos e inquietações. O rosto como um território: a *rostidade*, aprendi com Deleuze e Guattari. "O rosto escava o buraco de que a subjetivação necessita para atravessar, constitui o negro da subjetividade como consciência ou paixão, a câmera, o terceiro olho." (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.32). A travessia do rosto em direção ao outro: capturá-lo, conhecê-lo, em conexão íntima e direta com suas alegrias, medos, espantos e dores. A compaixão como exercício mais alto da empatia: experimentar o outro, em fina sintonia, captando-lhe a alma, no inexprimível dos agudos afetos.

"Sorôco, sua mãe, sua filha": o canto entrelaçado das duas, o canto do homem, a gente comovida que cantava junto. A compaixão em cadeia entrelaçada: "de repente, todos gostavam demais de Sorôco/ "todos, de uma vez, de dó de Sorôco, principiaram a acompanhar aquele canto sem razão". A dor do Outro revelando a dor da gente: compaixão silenciosa, nesse canto solidário e comovido. As imagens roseanas nas páginas do livro, reescritas no cinema de Pedro Bial: "Primeiras estórias/ outras estórias": alteridades em convergência entre literatura e cinema. O exercício da compaixão desenhado em dupla linguagem, em narrativas poéticas espelhadas.

A empatia da narradora do conto de Clarice, encarnando, involuntariamente, na pudenda missionária; a compaixão de Sorôco, espriada pelos moradores do povoado, nesse dizer afeto pelo canto junto entoado: metáfora-senha do humano exercício de sair e retornar a si, com a emoção e o espanto diante de um eu para sempre transformado.

Autoria outra diante da escritura de minha própria existência: a docência como modo cotidiano de existir em empatia e compaixão. Formar enquanto me reinvento: a aposta ratificada durante vinte e cinco anos no Colégio de Aplicação da UFRJ, esta casa - minha casa. Ensinar como um jeito próprio de habitar-me: desafiar hipóteses, certezas, caminhos. Deslocar-me no Outro, compreender-lhe os motivos, intui-lo em suas dores: fronteira última e primeira desse fazer diário, em cuja superfície circulam saberes, práticas, silêncios e palavras? Ensinar como quem, pacientemente, esculpe, forjando-se na ponta de um invisível

cinzel. Mas, como, de fato, chegar ao Outro, senão, necessariamente, estranhando-o em sua singularidade incômoda, em sua irredutibilidade provocadora, que me interpela e me desloca?

Há um abismo que separa de modo invariável o mesmo do outro, uma síntese nem sempre possível. O sentimento do estranho aduz, assim, a uma impossibilidade de capturar numa imagem plenamente identificável o outro; ele opera como algo refratário a um reconhecimento total, absoluto, é como se o outro, estranho ao mesmo, não pudesse ser controlado, definido, limitado; já que depende do olhar do mesmo sobre o outro. É apenas a partir de si mesmo que o sujeito pode definir o outro, porquanto seja definido pelo outro a partir do alcance de seu próprio olhar. (THONES; PEREIRA, 2013, P.509).

## **5. Travessia de si para si mesmo no território das narrativas poéticas**

Assumir a impossibilidade de alcançar o Outro em sua radicalidade substantiva, mas, ainda assim, pretender tocá-lo em sua autoria encarnada, friccionando minha provisória existência. Criar, no exercício docente, um solo de encontro dessas alteridades autorais: sujeitos todos, na arena da sala, dispostos - na espacialidade compulsória e na disponibilidade esperada - a tentar a travessia de si para si mesmo, tomando como território as narrativas poéticas. Mobilizar desejos, intencionalidades e gestos. Compreender, enfim, esse exercício docente/ discente como uma dobra em si mesma e em direção ao Outro: lançar-se, como o marinheiro em busca da "desconhecida ilha", nas paisagens da experiência. Nas palavras de Jorge Larrosa:

Porque a abertura que a experiência dá é a abertura do possível, mas também do impossível, do surpreendente, do que não pode ser. Por isso a experiência sempre supõe uma aposta pelo que não se sabe, pelo que não se pode, pelo que não se quer. A experiência é um talvez. Ou, o que é o mesmo, a experiência é livre, é o lugar da liberdade. (LARROSA, 2011, p.19).

Experiência como liberdade, liberdade como paisagem, paisagem como imagem... volto às narrativas poéticas da literatura e do cinema, em outra roseana travessia. "A terceira margem do rio": um homem, seu silêncio, sua escolha, sua sina? A terceira margem e a experiência do não-lugar: a liberdade é sempre esse lugar outro, permanentemente reinventado. O homem, a canoa, o rio: o filho, às margens do tangível, dói todo nesse não dizer do pai. Pai pode ser livre? Mãe, pode? Sou o filho que não compreende, mas sou também o pai que parte, absoluto. Sou o cuidado do filho que vira pai na força do acontecido, mas sou também o pai que não se explica, deixando o peso das interrogações às costas. Sou o cuidar e o ímpeto de partir; a raiz e as folhas; a casa e o rio.

Um homem que parte, no silêncio dos motivos. "Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus". Chega um tempo – como aprendi com Clarice – em que não nos explicamos nem para nós mesmos. O rio como espaço de travessia para a reinvenção da vida – ou para a passagem da morte. Viver é o outro lado de morrer: o avesso do mesmo. Um homem no rio: então tudo não era um modo dele de se escrever? Então toda reescrita de si não é um modo próprio de reinventar a vida e desafiar a morte? Então a escrita mesma, na ponta do lápis e da faca, não é um jeito outro de assinar a vida, para além dos limites do insondável mistério, destino de todos

nós? Fazer a travessia como uma vereda inescapável no cuidado de si. Refletindo com as palavras de Foucault:

(...) acredito que, nos gregos e romanos – sobretudo nos gregos -, para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer (...)

(...) Nos gregos e nos romanos, pelo contrário, a partir do fato de que se cuida de si em sua própria vida e de que a reputação que se vai deixar é o único além com o qual é possível se preocupar, o cuidado de si poderá então estar inteiramente centrado em si mesmo, naquilo que se faz, no lugar que se ocupa entre os outros; ele poderá estar totalmente centrado na aceitação da morte (...). (FOUCAULT, 1984, p.268/p.273).

Cuidar de si, conhecer-se, dar-se a ver: itinerários compulsórios da escrita? Escrever como quem se escuta, se desvenda, se acolhe, se desnuda aos olhos do Outro. O fazer crítico como um modo particular e fragmentado de narrativa: escrever-se em dobra ao mirar as imagens do mundo, nelas colhendo fragmentos de seu próprio rosto, conhecido, descoberto ou renegado. Ousar conceber o espaço crítico como um espaço biográfico: a voz que analisa é a mesma que (se) narra – ainda que com disfarces... -, na medida em que se trai pelas escolhas, pelas recusas, pelas aderências. Empenhar a palavra, empenhar-se na palavra: escritas de si de um eu multifacetado, inscrito nas frestas de uma autoria espiralada:

... (dar) minha palavra constitui (...) uma promessa, uma formação autoral, no paradigma bakhtiniano, ou seja, a assunção da palavra como "própria" - diferente da "nossa" ou da "alheia" – pelas tonalidades, sempre peculiares, da afetividade. (ARFUCH, 2010, p.126).

Dar a minha palavra crítica: mergulhar no que não conhecia, descobrir o que não previa, apossar-me, transformando o que leio das imagens do mundo, amalgamando-me nelas, em expansão poética de mim mesma. Sentir com Fernando Pessoa - mestre dos eus desencontrados e reunidos... - esse meu "ser atônito", seguindo-me "sem saber ao que me levará", perseguindo, tenaz e corajosamente, "a ilha desconhecida", para tentar "saber quem sou eu quando nela estiver"...

## Referências

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 8a.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. "Notas sobre a experiência e o saber da experiência". **Revista Brasileira de Educação**. v.26, n.9, p.20-9, 2002.
- COLLOT, Michel. "O Outro no Mesmo". **Alea. Estudos Neolatinos**. vol.8. número 1. Rio de Janeiro: Janeiro-Junho de 2006. p.29-38. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2006000100003>. Acesso em 15 set. 2015.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 3 São Paulo: Editora 34, 1996.
- FOUCAULT, Michel. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". In: **Ditos e Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- HELENA, Lucia. "A problematização da narrativa em Clarice Lispector". **Hispania**, Vol.75, No. 5 (Dec., 1992), pp. 1164-1173.
- LARROSA, Jorge. "Experiência e alteridade em educação". **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, jul./dez. 2011.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAGGI, Noeli Reck e MORALES, Renata Santos. "**A leitura como caminho para a alteridade**". **Cerrados**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, número 40, ano 24. Brasília. 2015. p. 277-287.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.
- ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. "A cartografia e a relação pesquisa e vida". **Psicologia e sociedade**; 21 (2): 166-173, 2009.
- ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.
- ROSA, João Guimarães. "A terceira margem do rio". In: \_\_\_\_\_. **Ficção completa: volume II**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.
- SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. 20a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Alex Sander da. "Subjetividade, alteridade e educação: aproximações entre Adorno e Levinas". **Conjectura**. Filosofia. Educação., Caxias do Sul, v.19, no.1, pp.123-138, jan./abr.2014.
- SILVEIRA, Marília e FERREIRA, Lúgia Hecker. "Escritas de si, escritas do mundo: um olhar clínico em direção à escrita". **Athenea Digital**, 2013.13 (3), 243-263. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v13n3.1187>. Acesso em 20 jun. 2015.
- THONES, Ana Paula Bellochio e PEREIRA, Marcelo de Andrade. "**Um Entre o Outro e Eu: do estranho e da alteridade na educação**". **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.38, n 2, p. 501-520, abr./jun. 2013. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em 15 jun. 2015.